



FALANDO DE GÊNERO NA ESCOLA - EXPERIÊNCIAS COM DOCENTES DA REDE PÚBLICA DE URUGUAIANA

Marina dos Reis Marty¹
Alinne de Lima Bonetti²

Introdução

Identidade de gênero e sexualidade tem sido temas constantes nas discussões escolares, seja em torno de questões legislativas envolvidas, da abordagem em aula sobre tal tema, ou ainda sobre a chamada “ideologia de gênero”, que pode ser entendida como uma categoria pejorativa e acusatória criada por setores religiosos e políticos conservadores de forma contrária ao pluralismo democrático (BONETTI, 2016). Já a identidade de gênero, pode ser definida como

[...] a autopercepção de cada pessoa em relação às categorias sociais que dizem respeito ao masculino e ao feminino, à parte de uma representação biológica que se constrói pelos fatores sociais e culturais que são predominantes na formação. É um dos elementos constituintes da identidade, mas não a definidora desta. (MAIA et al, 2011, p.25)

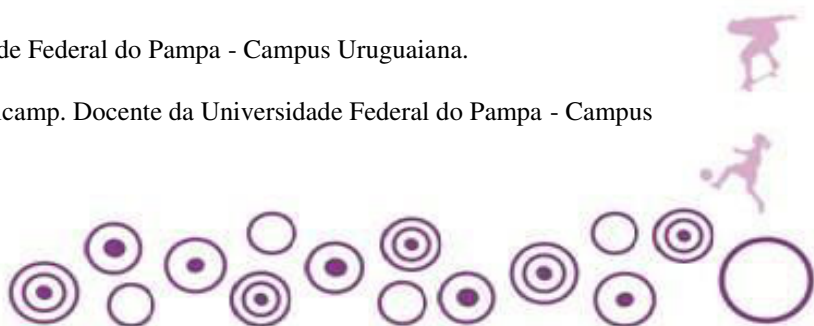
A identidade de gênero é parte da descoberta da criança como indivíduo, que pode ou não ser condizente com seu sexo biológico e que deve ser discutida pela família e pela escola, podendo estas atuarem como impulso ou obstáculo para o desenvolvimento (DESSEN e POLONIA, 2007). A partir destes conceitos, este debate torna-se imprescindível.


Metodologia

No âmbito do projeto de pesquisa “Marcadores da diferença, interseccionalidades e a produção de alteridades nos processos educativos e de socialização”, que tem entre seus objetivos acompanhar o trâmite do PL 01/2017 na cidade de Uruguaiana – RS, o referido “Escola sem Partido”, realizaram-se atividades de formação docente em escolas estaduais de

¹ Graduanda do curso de Fisioterapia, Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana. marinarmarty@hotmail.com

² Antropóloga e Doutora em Ciências Sociais/Unicamp. Docente da Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana. alinnebonetti@unipampa.edu.br





ensino médio e municipais de ensino fundamental no ano de 2017, demanda que surgiu após o PL ser protocolado junto à Câmara Municipal de Vereadores. Nestas atividades realizaram-se observações participantes, de cunho etnográfico registradas em diários de campo (ANGROSINO, 2009), que embasam este relato.

As atividades foram aplicadas por integrantes do Tuna – gênero, educação e diferença e realizadas de forma distinta em cada escola. Em uma delas, o foco foi a multiplicidade de organizações familiares (“Outras famílias, outras histórias”). Em outra escola tratou-se das possibilidades (“Dá pra falar de gênero na escola?”), como também tratou-se da responsabilidade da escola referente a tal tema em outra instituição (“Gênero e Sexualidade – O que a escola tem a ver com isso?”).

Através da perspectiva etnográfica destas atividades, observaram-se aspectos relevantes para analisar a posição docente quanto a temas relacionados a gênero e as dificuldades encontradas na abordagem de tais assuntos em âmbito escolar, sendo estes os objetivos do presente relato.

Discussão


O papel da escola como influência no desenvolvimento do indivíduo é amplamente discutido (DESSEN, POLONIA, 2007; LOURO, 2003) e problematizado, pois a escola é reconhecidamente formadora identitária “com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade” (BRASIL, 2014). A aplicação disso infere que gênero é um dos parâmetros identitários, sendo um conhecido marcador social de diferença, fazendo parte dos possíveis eixos de discussão em âmbito escolar.

Contudo, o referido PL, por meio de uma visão distorcida da função social da escola, visa coibir o debate em torno das questões de gênero, sexualidade e diversidade no âmbito escolar, sendo taxados de mera ideologia ou doutrina (MARTY, BONETTI, 2018). Esta interdição de debates relacionados a tais temas faz com que a escola perca seu caráter inclusivo e abrangente de diferenças socioculturais (PENNA, 2016).

Estudos mostram que educadores não reconhecem a escola como corresponsável no desenvolvimento de gênero da criança (MAIA et al, 2011; DESSEN, POLONIA, 2007). Uma das explicações é a lacuna que há na instrução docente sobre o tema, fato também discutido na literatura.

Resultados





Discutir gênero e sexualidade na escola é essencial para ampliar o conhecimento dos educadores e alunos quanto ao tema. Nas atividades tratou-se então de esclarecer algumas das dúvidas mais comuns, entre elas a distinção entre identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico.

Ao surgir esta discussão, os educadores passaram a relatar situações que se viram em dúvida quanto ao seu papel. Apresentando comportamento inadequado na escola, como troca de beijos, alertam-se apenas os alunos homossexuais ou isso serve para todos? Como intervir em casos de *bullying* direcionado a estudantes que não se portam como socialmente se espera para seu sexo biológico? Noutra atividade, por meio da construção de narrativas familiares, um dos grupos ao confrontar-se com um grupo familiar homoparental entrou em um breve conflito. Surgiram indagações sobre aquela ser considerada uma família. Numa terceira experiência, em grupo formado sobretudo por professoras, discutiu-se casos de violência e intolerância a LGBTs e surgiram dúvidas sobre como incluir gênero nas disciplinas.

Os resultados obtidos através destas atividades demonstram ser imprescindível debater gênero no âmbito escolar, além da realidade na rede pública municipal e estadual em Uruguaiana quanto ao preparo dos professores para levar à escola tais temas que estão sob possível proibição caso o PL 01/2017 venha a ser aprovado. Os resultados foram muito heterogêneos, tanto em questão de interesse pela classe quanto à resistência, talvez pelo conhecimento mínimo ou inexistente do tema tratado.

Conclusão

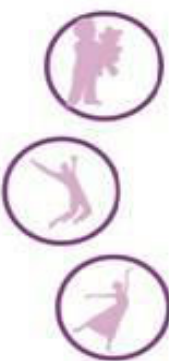
A falta de instrução dos professores sobre o tema, que como vimos, está presente em todos espaços de relações sociais, é alarmante, pois sendo a escola formadora identitária, deve abranger não só gênero, mas todos temas transversais à educação. Como inserir estas questões em aula ou ainda quebrar barreiras entre família-escola ainda é duvidoso, porém coibir estes debates em nada contribuiria.

A perspectiva etnográfica possibilitou-nos olhar para as dificuldades enfrentadas pelos professores em trazer este tema para debate em aula e sobre as possíveis represálias e retrocesso que a aprovação do PL Escola Sem Partido traria para a educação caso seja aprovado.

Referências Bibliográficas

ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009.





BRASIL. Lei Nº 13.005 de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dispõe de outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em 17/05/2018.

BONETTI, Alinne de Lima. Entre armadilhas ideológicas e confusões propositais: reflexões sobre a polêmica em torno da “ideologia de gênero” In: SILVA, F. F.; BONETTI, A. L. (Org.). Gênero, interseccionalidades e feminismos: desafios contemporâneos para a educação. São Leopoldo: Oikos. 2016, p. 47-62.

DESSEN, Maria Auxiliadora; DA COSTA POLONIA, Ana. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Paidéia, v. 17, n. 36, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03>>. Acesso em 18/04/2018.

LOURO, Guacira Lopes. - Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. Psicologia da Educação, n. 32, p. 25-46, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n32/n32a03.pdf>>. Acesso em 26/05/2018.

MARTY, Marina dos Reis; BONETTI, Aline de Lima. Escola Sem Partido: uma netnografia sobre o PL 01/2017 em Uruguaiana – RS. In SILVA, F. F.; BONETTI, A. L.; SOARES, C. B. (Orgs.). IV Seminário Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação: desafios dos feminismos e a garantias dos direitos humanos. Unipampa: Uruguaiana, 2018. 344 p. Disponível em <http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2018/03/anais_ivseminario_cgrrere.pdf>. Acesso em 24/04/2018.

PENNA, Fernando. Programa "Escola Sem Partido": uma ameaça à educação emancipadora. In GABRIEL, C. T.; MONTEIRO, A. M.; MARTINS, M. L. B. (Org.). Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2016, p. 43-58.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

